

Discurso de 30 de Abril de 2017

1 - Celebramos o 31º aniversário da Universidade da Beira Interior. Fazemo-lo numa sessão singela da academia, longe de holofotes e da atenção mediática, atrabiliária e momentânea. Mas fazemo-lo também com o reconhecimento público, nacional e internacional, de que somos uma universidade de qualidade e referenciada. Ganhámos visibilidade, nomeadamente ao passarmos a integrar a lista das melhores 150 jovens universidades em todo o mundo, na lista da *Times Higher Education*.

Temos sete mil alunos distribuídos por mais de 30 cursos, da Bioengenharia à Sociologia, pelos 3 ciclos de estudo, 3.200 em cursos de primeiro ciclo, perto de 2.000 em mestrados integrados, mais de 1.100 em mestrado e muito perto de 500 em doutoramento. Desses alunos cerca de 1000 são estrangeiros, constituídos por 7% de alunos de 1º ciclo, 23% de 2º ciclo e 31% de 3º ciclo. Somos uma universidade sólida, forte e confiante, e que, com audácia jovem, quer de novo cumprir o desígnio histórico de Portugal, de dar mais mundos ao mundo, e ser uma universidade do mundo.

Estamos onde estamos graças a um passado de 42 anos de ensino superior na Covilhã, marcados pela seriedade do trabalho, pela parcimónia da gestão, pelo cuidado no ensino, o esforço na investigação e o compromisso com a região. Cientes do que somos e confiantes nas nossas forças queremos agora afirmar-nos aquém e além-mar. Sendo cada vez mais difícil crescer em Portugal – pelas simples contas da demografia! –, queremos jovens de outras longitudes e latitudes. Temos as condições, temos a vontade e temos o projecto, e é isso que iremos fazer. Supriremos a falta de alunos nas nossas escolas básicas e secundárias com alunos internacionais, em particular com alunos vindos do mundo da língua portuguesa, um mundo jovem de 260 milhões de habitantes. É a hora de retomarmos o desígnio português de ultrapassar as carências nacionais saindo para o mundo e trazendo de lá novos mundos. A UBI será, e já é, uma das naus pioneiras.

2- Este enorme desafio que se coloca à UBI tem de ser assumido pela comunidade académica e pela cidade. Estamos em tempo de eleições, dentro da universidade e na cidade, e é nestes momentos de decisão que as opções têm de ser formuladas, debatidas, ponderadas e conscientemente assumidas.

A Universidade da Beira Interior tem um novo Conselho Geral, com os membros internos eleitos em 9 de Novembro de 2016, 15 docentes, 5 alunos e 1 funcionário, que cooptaram 8 personalidades externas em Janeiro e Fevereiro de 2017, tendo eleito o seu presidente Prof. José Ferreira Gomes, em reunião de 6 de Março. Aproveito este ensejo para publicamente saudar todos os membros do novo Conselho Geral e lhes desejar as maiores venturas ao serviço e em prol da universidade.

Depois de ter votado o Plano de Actividades e Orçamento de 2017 em 31 de Março, o Conselho voltou a reunir em 21 de Abril último para apreciar o Relatório de Actividades e votar o Relatório de Contas. Agradeço ao Conselho Geral ter votado favoravelmente os documentos apresentados. Também deliberou dar início ao processo de eleição do novo reitor. Em 30 de Junho haverá a eleição do novo reitor. É a universidade a funcionar de modo regular na plenitude dos seus órgãos.

3- Quase quatro anos são passados desde que tomei posse em Setembro de 2013. Desde o princípio, e sempre ao longo do mandato, houve a preocupação de continuar a fazer bem o que vinha dantes, introduzindo as alterações que haviam sido propostas no programa

eleitoral, nomeadamente a dinamização da vida académica, o enfoque no ensino presencial, a criação de um ambiente imersivo de estudo, a centralidade das bibliotecas, o incremento da investigação com a criação de bolsas de pós-graduação financiadas pelo protocolo com o Banco Santander, o reforço da ligação da UBI à sociedade e à região. E desde o princípio, houve uma atenção especial à Faculdade de Ciências da Saúde e ao Curso de Medicina.

Logo em Setembro de 2013 solicitei ao Prof. João Lobo Antunes para fazer uma pré-avaliação do curso de Medicina, de modo a preparar a avaliação pela A3Es. Um extenso e detalhado documento de auto-avaliação foi preparado pela Direcção da Faculdade de Ciências da Saúde e pela Direcção do Mestrado Integrado de Medicina no início de 2014, documento entregue ao Prof. Lobo Antunes em 3 de Junho de 2014, justamente no dia em que proferiu a sua última lição na Universidade de Lisboa. A comissão externa que constituiu, integrada pelo Profs Jorge Soares e Rui Costa, fez a visita à Faculdade de Ciências da Saúde da UBI nos dias 7, 8 e 9, de Outubro de 2014, tendo então oportunidade de visitar também os Hospitais da Cova da Beira, da Guarda e de Castelo Branco. O relatório produzido pela Comissão, após a análise do relatório de auto-avaliação e a visita, foi uma peça fundamental na identificação clara das forças e fraquezas do nosso Mestrado Integrado, permitindo que a posterior avaliação pela A3Es, terminada há poucos meses, fosse altamente positiva e reiterando formalmente aquilo que o Prof. João Lobo Antunes em privado e em público teve oportunidade de afirmar por diversas vezes: na UBI fazia-se um muito bom ensino da medicina.

Considero que a avaliação do curso de Medicina foi uma marca importante do meu mandato reitoral. Sei bem que a tarefa dos meus antecessores, Profs Santos Silva e João Queiroz, ao criarem e porem de pé o curso foi mais exigente e meritória; daí o sentido de responsabilidade que senti por dar continuidade ao trabalho por eles iniciado e que de modo algum queria pôr em causa ao não dar a devida atenção ao processo de avaliação. Creio que os honrei ao cuidar do legado que me tinham passado. Neste momento, também é justo agradecer aos que no terreno prepararam todo o processo, em particular, à Direcção da FCS, Profs Taborda Barata, Inácio Verde e Isabel Neto, e também ao Director do Mestrado Integrado de Medicina, Prof. Miguel Castelo Branco. O seu trabalho e empenho, a sua dedicação à academia são exemplares. Um obrigado muito grande também aos Profs Jorge Soares e Rui Costa que graciosamente aceitaram o convite do Prof. João Lobo Antunes para integrar a equipa de pré-avaliação. Ao Prof. João Lobo Antunes, falecido há 7 meses, a minha homenagem, saudade e oração.

A muito recente criação, por portaria conjunta dos Ministros da Saúde e da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, do Centro Académico Clínico das Beiras que junta a Faculdade de Ciências da Saúde da UBI, o Centro Hospitalar Cova da Beira, a ULS da Guarda, a ULS de Castelo Branco e o Centro Hospitalar Tondela-Viseu, e as Escolas Superiores de Saúde dos Politécnicos da Guarda, Castelo Branco e Viseu, é mais um importante reforço para a melhoria do ensino médico e da investigação clínica. É verdade que a sua criação demorou mais do que expectável, e se distingue dos outros Centros similares por integrar muitos mais parceiros, mas valeu bem a insistência com que lutámos por ele pela mais valia que representa para a UBI, para os parceiros e para a região.

Também o Ubimedical, legado pela anterior reitoria do Prof. João Queiroz, foi continuado com sucesso e constitui hoje um factor forte e distintivo da UBI na transferência de conhecimento e na incubação de empresas de elevado potencial científico e tecnológico. A Labfit e a Uphill, reconhecidas e premiadas, são motivo de orgulho que qualquer universidade de topo gostaria de ter no seu portfolio de start-ups.

Também houve revezes ao longo do mandato reitoral, é certo. No primeiro semestre de 2014 desenhou-se uma excelente parceria com a Portugal Telecom para à volta do Datacenter, inaugurado justamente também em Setembro de 2013. Com pompa e circunstância e na presença de dois ministros, celebrámos neste Anfiteatro em 9 de Junho de 2014 um protocolo muito ambicioso com a PT que englobava as áreas do cloud computing, da saúde, de teste de software e da formação e certificação profissional. A ideia era fazer da UBI e da Covilhã um verdadeiro back-office na investigação e formação profissional da grande operadora de telecomunicações luso-brasileira. Depois, veio, como já é história, a falência do Grupo Espírito Santo, a resolução do Banco, e a venda sem glória da Portugal Telecom.

No entanto, o projecto sobre o Centro de Competência em Cloud Computing que assinámos com a CCDRC em Setembro de 2015 continua de pé. As eleições e mudança de governo no final de 2015 levaram a adiamentos sucessivos ao longo de 2016. A última informação que temos é que desde final de Janeiro de 2017 está na Comissão Interministerial para o seu lançamento e posterior convite à UBI para o realizar.

4- Quando tomei posse em 2013 chamei a atenção para o problema demográfico de Portugal, que ameaçava sobretudo as regiões do interior e por arrasto a sobrevivência da UBI. Os anos da crise de 2011 a 2014 levaram a uma perda de alunos. O ano de 2010 foi o ano em que houve mais primeiras inscrições na UBI: 2.536. Até 2013 baixámos para o mínimo 1.960. A partir daí temos subido gradualmente até às 2.266. Obviamente que nesta mudança entram os alunos inscritos ao abrigo do Estatuto do Estudante Internacional, publicado em Março de 2014: 33 inscritos em 2014/2015, 98 em 2015 e 220 em 2016. É uma progressão deveras significativa, superior a 100% ao ano. Obviamente não será possível manter tal taxa de crescimento nos próximos anos, mas pretendemos que o número de alunos ao abrigo do EEI continue a aumentar significativamente. Somos em Portugal a universidade que, a seguir a Coimbra, tem mais alunos internacionais, em números absolutos. Chamo a atenção para o facto de estes alunos serem apenas uma parte do contingente de alunos estrangeiros, em que se incluem também os alunos de 2º e 3º ciclos, e outros de 1º ciclo inscritos ao abrigo de protocolos diversos de nível nacional e institucional.

A estratégia que apresento de a UBI ser uma universidade do mundo, é muito mais do que suprir a falta de estudantes nacionais por alunos estrangeiros. É sobretudo cumprir o seu desígnio de universidade. Com efeito, desde a sua génese há mil anos, que as universidades se caracterizam por terem alunos e docentes das mais diversas proveniências. Em volta da ciência e da tecnologia há um encontro de culturas que em muito beneficia o ser e fazer universitários. Na década de 90 soubemos trazer professores estrangeiros para erguer a universidade, temos agora de trazer alunos estrangeiros para cumprir verdadeiramente a universidade, que é diversa, plural e cosmopolita. Trazendo alunos estrangeiros, do maior número possível de países, e neste momento contamos na UBI com cerca de 40 nacionalidades, tornamo-nos mais atractivos para os alunos nacionais.

5- Uma universidade do mundo obriga a um forte envolvimento da Covilhã. O ambiente universitário tem de ser total. Um estudante que venha para a Covilhã deve viver num ambiente de imersão, como se vivesse dentro de um campus universitário americano. Deve respirar universidade, mesmo nos momentos fora da universidade.

Sabemos como a UBI se ergueu a partir das ruínas das fábricas de têxteis que cunharam a cidade durante séculos. Com as faculdades junto às ribeiras da Goldra e da Carpinteira, que delimitam o casco histórico, a cidade ficou dentro da universidade, estando a Casa Azul, sede da AAUBI, no coração da velha urbe. É crucial pois que a própria cidade e a autarquia sejam parte fundamental desta estratégia da UBI como universidade do mundo. O repto que lanço à Covilhã, às suas gentes e políticos, é a de se assumir de vez como cidade universitária

Com a criação da parte nova da cidade, atraída para a planície nas últimas décadas com o Hospital, o Centro de Saúde, a Estação de Caminhos de Ferro, a Central de Camionagem, o Tribunal, o eixo TCT, as grandes superfícies comerciais, e consequente deslocação da população, há que revitalizar os edifícios desabitados e em ruínas da parte antiga da cidade, desde o Oriental de São Martinho, passando por toda a envolvente de Santa Maria, até ao Campo das Festas. É fundamental que este centro tradicional antigo seja reconvertido tendo em vista a comunidade universitária, em particular os estudantes vindos de fora, tanto de Portugal como do estrangeiro.

Tem de haver maior empenho da Covilhã na UBI. Os meus antecessores, todos sem excepção, tiveram dificuldades no relacionamento com a Câmara Municipal da Covilhã. No tempo do primeiro reitor Prof. Passos Morgado houve mesmo a intenção de deslocar para o Fundão uma parte da universidade então em franco crescimento por dificuldades colocadas pela autarquia à expansão da Universidade. A esse propósito escrevi uma breve nota no Notícias da Covilhã em 12 de Março de 1993, intitulada “O alargamento da UBI ao Fundão”. Ainda nos lembramos como houve polémica com os terrenos da Faculdade de Ciências da Saúde no tempo do Reitor Santos Silva, e no mandato do Reitor João Queiroz a autarquia embargou por duas vezes a construção do Ubimedical.

Requer-se um maior empenho da Covilhã na universidade. É de toda a justiça. Uma cidade que continua a perder população e eleitores tem de apostar numa instituição que traz juventude e dinamiza sobremaneira a vida cidadina. Não deixa de ser paradoxal que o município esteja disposto a subsidiar com milhões de euros investimentos empresariais em troca da criação de duas ou três centenas postos de trabalho e depois descure a instituição que lhe assegura directamente setecentos postos de trabalho e a presença de mais sete mil alunos. Neste momento os encargos salariais da UBI ultrapassam os 28 milhões de euros, e o montante adicional que os alunos consomem na cidade, no alojamento, na restauração, comércio, na cultura, desporto e lazer, é certamente muito superior a esse montante, nunca menos de 40 milhões de euros ao ano.

O que agora pedimos à Câmara Municipal é que use os fundos do PEDU - Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano nas vertentes de reabilitação das zonas históricas e da mobilidade para tornar a cidade mais atractiva na oferta de alojamento e nas ciclovias tão fundamentais para o projecto U-bike, as bicicletas eléctricas que constituirão certamente um bom instrumento de mobilidade dentro da cidade. Reconheçamos que ter bicicletas eléctricas e depois usar o empedrado que liga o Jardim de São Francisco à Faculdade de Ciências Sociais Humanas, na Carpinteira, seria condená-las a uma vida muito curta. É preciso que de Santo António à Carpinteira seja construída uma ciclovie moderna, com boas condições de segurança. E o mesmo vale dizer para a ligação do Pólo I, da Goldra, ao Pólo da Saúde, FCS e Hospital. Vila Real fez isso para a UTAD, é também justo que a Covilhã faça o mesmo com a UBI.

É sabido que o estacionamento é um problema numa cidade de montanha. O elevador da Goldra, junto à Biblioteca Central da UBI, veio resolver em parte esse problema

ao permitir que a comunidade académica deixasse o carro na parte baixa da cidade e subisse por elevador para a Avenida Marquês d'Ávila e Bolama. Infelizmente passados mais de 4 anos da entrada em funcionamento do elevador ainda não estão construídas as escadas adjacentes para, em caso de avaria do elevador, o que acontece por vezes, as pessoas que ali estacionaram o carro possam, na chegada ou no regresso, não terem apenas o penoso recurso de subir ou descer a Calçada Alta, Rua José Ramalho. Não entendo como uma obra tão simples continua à espera.

A Universidade desde há muitos anos, pelo menos desde o tempo do reitorado do Prof. Santos Silva, com tentativas também feitas pelo reitor Prof. João Queiroz, que pretende comprar a Fábrica Alçada e Pereira, sita entre a Faculdade de Engenharia e a Igreja Nossa Senhora de Fátima. É uma ruína fabril que fere o tecido urbano académico do Pólo I. Continuamos a tentar comprar o edifício que pertence ao IGFSS. Pretendemos fazer uma residência no coração da UBI e, ao mesmo tempo, pedir à Câmara Municipal para connosco fazer ali a grande Praça da Universidade que tão tarda quanto dela necessitamos.

Não tenho dúvidas que a Covilhã se orgulha da universidade que acolhe. Da nossa parte corresponderemos a esse orgulho com a vontade firme de sermos uma universidade do mundo.